

CAIXAS DE MEMÓRIA: RELATOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS AFETIVAS ATRAVÉS DE OBJETOS PESSOAIS

MEMORY BOXES: REPORTS ON THE CONSTRUCTION OF AFFECTIVE MEMORIES THROUGH PERSONAL OBJECTS

Laiana Pereira da Silveira¹; Frantieska Huszar Schneid²

RESUMO

O presente ensaio possui como foco principal trabalhar a relação dos objetos pessoais com a memória, e ressaltar a importância da criação deste vínculo afetivo, sendo um pequeno recorte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso “Moda e Memória: A construção de uma coleção de moda a partir das memórias afetivas vinculadas a objetos pessoais”. Trazendo uma reflexão através de um referencial bibliográfico com autores da área da moda, história e filosofia, e com relatos obtidos por meio de um questionário virtual apresentando na pesquisa original. Através deste ensaio, buscou-se despertar nos leitores questionamentos sobre o valor atribuído a objetos guardados, e refletir quanto a cultura de passar um mesmo objeto de uma geração para outra dentro do ambiente familiar.

Palavras-chave: Cultura. Memória. Ambiente familiar. Objetos. Lembranças.

¹Graduanda em Tecnologia em Design de Moda. E-mail: laianasilveira@gmail.com; ²Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural. Docente dos Cursos Técnico em Vestuário e Tecnólogo em Design de Moda, ambos do Instituto Federal Sul-rio-grandense. E-mail: frantieskahs@gmail.com.

ABSTRACT

The present essay focuses mainly on the relationship between personal objects and memory, and emphasizes the importance of the creation of this affective bond, being a small cut of the research of completion work "Fashion and Memory: The construction of a collection of fashion from the affective memories linked to personal objects ". Bringing a reflection through a bibliographical reference with authors of the area of fashion, history and philosophy, and with reports obtained through a virtual questionnaire presented in the original research. Through this essay, we tried to awaken in the reader questions about the value attributed to stored objects, and to reflect on the culture of passing the same object from one generation to another within the family environment.

Keywords: Culture. Memory. Family environment. Objects. Souvenirs.

ENSAIO

Este ensaio é um recorte da pesquisa do trabalho de conclusão de curso "Moda e Memória: A construção de uma coleção de moda a partir das memórias afetivas vinculadas a objetos pessoais", defendida em junho de 2018 no curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas Visconde da Graça.

A principal finalidade desta pesquisa é trazer a reflexão sobre a importância que os objetos pessoais possuem para construção das memórias afetivas, apresentando aqui uma breve reflexão embasada num referencial bibliográfico com autores da área de memória e patrimônio, moda, filosofia, cultura material e história.

Apresentando recortes de um questionário elaborado para a pesquisa do trabalho original, desenvolvido especificamente para a construção do projeto de conclusão de curso. Foi aplicado um questionário disponibilizado em apêndice no arquivo original do trabalho, e aqui são trazidos alguns relatos dos entrevistados.

Este ensaio intitulado "caixa de memórias" é destinado discorrer sobre os relatos dos entrevistados, obtidos pelo questionário, ressaltando as diversas formas de como podem ser armazenadas as memórias afetivas, tanto de forma material quanto imaterial, e a importância atribuída a elas, e como os objetos podem ajudar nesta construção.

É através desse universo da objetificação que é possível identificar a importância de tudo o que está em volta, Baudrillard (1972) traz a ideia de que "através dos objetos, que cada indivíduo, ou cada grupo procura seu lugar em uma ordem, tentando empurrar esta ordem conforme sua trajetória pessoal" (BAUDRILLARD, 1972, p. 54), adaptando sempre o que possível para sua realidade.

O filósofo e historiador polonês Pomian (1984), assegura que se "tentasse fazer o inventário do conteúdo de todos os museus e de todas as coleções particulares, mencionando apenas uma vez cada categoria de objetos que aí se encontram. Um livro grosso não seria suficiente" (POMIAN, 1984, p. 51), logo, vive-se rodeados de objetos e é preciso entender o real valor deles, e porque eles foram parar ali. Dohmann (2010) explana que:

O objeto traduz em sua materialidade a intenção do ato preexistente que lhe deu origem, e sua forma é produto de uma performance imaginada até mesmo antes de sua própria configuração física. No princípio tudo eram coisas, enquanto atualmente tudo tende ao objeto (DOHMANN, 2010, p. 71).

Quando se reflete sobre os objetos e suas significações, ainda soa de uma forma muito vaga, de como é possível fazer atribuições de afetividade a algo material, e há quem defenda que os objetos possuem classificações ainda mais complexas, que fazem essa diferenciação de quando é utilizado apenas com a sua função inicial e de quando possui afeto e não é usado para o que deveria, Pomian (1984) considera que:

De um lado estão as coisas, os objetos úteis, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. (...) De outro lado estão os semióforos, objetos que não tem utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura (POMIAN, 1984, p.71).

Pomian (1984) traz a relevância dos objetos e vai além, através das suas diferenciações o filósofo classifica os objetos em três categorias diferentes, as coisas, os semióforos e os objetos que possuem nenhuma das duas atribuições:

Existem pelo menos três situações possíveis: uma coisa tem apenas utilidade sem ter significado algum; um semióforo tem apenas o significado de que é o vetor sem ter a mínima utilidade, mas existem também objetos que parecem ser ao mesmo tempo coisas e semióforos (POMIAN, 1984 p. 72).

Quanto mais significado – afeto – tem um objeto, menos utilidade ele pode vir a ter de acordo com a sua função original. Geralmente um dos dois se sobressai, ou as coisas que são vistas como objetos úteis e sem significados, como um relógio despertador que tanto funciona para informar as horas quanto para despertar, ou o contrário, os semióforos que não possuem utilidade funcional, mas são carregados de significados, como um relógio de algum parente que já não funciona há muito tempo, porém, tem um valor afetivo e está sendo usado de enfeite. O pesquisador Dohmann (2010) considera que:

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, desde uma fotografia até um simples adereço corporal. Os objetos nos conectam com o mundo. Mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias (DOHMANN, 2010, p. 72).

O autor comenta que os objetos, sendo eles coisas ou semióforos, servem como gatilhos para recordar-se de lembranças tanto de pessoas, momentos ou lugares, e estes gatilhos podem surgir através de qualquer tipologia de objeto, inclusive das roupas, até mesmo por ser o objeto mais próximo de corpo e considerado um elemento quase de uso obrigatório, devido ao pudor.

A caixa de memórias é construída muitas vezes para guardar os momentos mais especiais, às vezes contém um bilhete, um objeto pequeno, uma fotografia, um ticket de uma ida ao cinema, e em alguns casos podem ser imateriais, podendo estar apenas na cabeça do indivíduo, Nery (2017) ao analisar a respeito destes objetos que são guardados conclui que:

Esses objetos que são guardados e preservados pelo seu dono, aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros indivíduos, que por ventura estiverem na sua presença, principalmente para as pessoas mais próximas (NERY, 2017, p. 145).

Quando não há essa caixinha material, e estiverem guardadas apenas na cabeça, pode ser considerada como “lugares de memórias”, pois de acordo com Nora (1993) “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9), e essas

caixas acabam atuando como guardiãs de memórias. Quanto às caixas materiais, às vezes nem é percebido quando há uma caixa dessas, mas é só observar onde são guardados e o cuidado que existe com alguns objetos específicos, Nery et al (2015) afirma que:

Tanto as fotografias como os objetos, apesar de serem suportes diferentes, atuam como evocadores de memórias. Ao colocar estes dois elementos em um mesmo lugar, guardando-os juntos por motivos simbólicos, muitas vezes, acabamos criando “caixas de memória”. São lugares como gavetas, caixas, álbuns e diários, que possuem objetos, fotografias e uma variedade de coisas como cartas, bilhetes, diários, entre outros. São peças que possuem uma representatividade para a pessoa que as guarda, não sendo, necessariamente, suas, mas às vezes coisa que, apesar de pertencerem a outras pessoas, são importantes para quem as mantém. Estas “caixas de memória” são muito comuns, mesmo que, na maioria das vezes as pessoas não as reconheçam com esta nomenclatura e função (NERY et al., 2015, p. 43).

Caixas de memórias quando são materiais, muitas das vezes, são considerados locais onde são guardados objetos especiais, que para muitas pessoas não passa de quinquilharia, porque talvez só as pessoas mais próximas consigam entender o apego que temos com certos objetos. Nery et al (2015) ressalta também que:

Ao longo da vida, os indivíduos apegam-se a objetos que acabam sendo uma conexão entre membros de uma mesma rede familiar, repassados numa espécie de sucessão entre gerações da família. Estes objetos relacionados à memória e que acompanham a trajetória de quem os possui, são chamados de biográficos (NERY et al., 2015, p. 45).

O que Nery et al (2015) argumenta, é algo corriqueiro de acontecer, e se parar para pensar, praticamente todo mundo tem um objeto que era da avó, do avô, do pai, da mãe, de algum irmão mais velho, ou de outro familiar, que é passado de geração para geração acumulando histórias.

Bem como contesta Stallybrass (2012) sobre os caminhos que as roupas percorrem “ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo” (STALLYBRASS, 2012, p. 11). Com esta prática identificada através da consideração do autor, pode-se trazer como exemplo de objeto relatado pelo entrevistado nove. Quando é indagado em uma das perguntas ao longo do questionário sobre qual objeto tem um espaço especial na memória afetiva dele, o porquê daquele objeto, há quanto tempo o tem, a história que há por trás dele, se foi comprado, se foi presente, e se pretendiam dá-lo a alguém futuramente, ele responde:

A máquina de costura da minha bisavó, ela passou por 3 gerações até chegar em mim, tem mais de 100 anos. Convivo com ela desde a infância, pois minha mãe ganhou de presente da minha avó, mas é oficialmente minha, há 9 anos. Nunca pensei, nem penso em vender. Não imagino minha casa sem ela (ENTREVISTADO 9, 2018, p. 73).

Neste relato é possível identificar que o entrevistado é a quarta pessoa da família a tomar posse do objeto, que é a máquina de costura, inicialmente foi de sua bisavó, passou para sua avó, depois para sua mãe até que finalmente chegou a suas mãos, conta também que possui mais de cem anos e que já está consigo há nove anos e não pretende desfazer-se dela, pois acabaria descaracterizando sua casa, deixando um vazio.

Imaginem quantas peças de roupa essa máquina já fez, quantas pessoas essa máquina já vestiu, quantas histórias ela já ouviu e os momentos que presenciou. Em outro relato o entrevistado comenta com um tom de lamentação sobre o objeto especial, que na verdade não é seu, mas gostaria que fosse, por ser de um parente querido, o entrevistado três relata

diante do mesmo questionamento levantado na pergunta anterior “eram as xícaras da minha vó, brancas com uns trigos azuis, ela tinha todo o jogo com pratos, xícaras, travessas, etc. Nunca mais eu vi depois da morte dela. Se eu tivesse alguma peça destas com certeza eu só daria para as minhas filhas” (ENTREVISTADO 3, 2018, p. 63), o entrevistado mesmo sem ter o objeto, fala que só daria as suas filhas. E o relato do entrevistado oito conta:

Um relicário dourado em forma de coração que a minha avó me deu. Eu disse para ela que queria muito um (acho que vi em algum anime) e ela vasculhou Pelotas toda atrás, aí ela achou uma foto nossa de longe e recortou nossas carinhas para caber dentro, ficou horrroso, mas eu adorei e nunca quis trocar as fotos (ENTREVISTADO 8, 2018, p. 71).

Este último relato demonstra a influência que é recebida de fora, dos meios de comunicação, para querer desejar algo, como acontece nas novelas, nos filmes, nas séries, neste caso o entrevistado queria muito um objeto que acha ter visto num anime, e sua avó que queria agradá-lo, buscou em toda cidade até achar. O entrevistado tem plena consciência de que as fotos do relicário talvez não estivessem em boa qualidade, ou ele e sua avó tivessem outra melhor, mas, apesar de ter achado inicialmente feio, criou um afeto pelo objeto exatamente como a avó montou e presenteou, não se animando a trocar a foto.

É possível identificar como cada objeto causa umas sensações diferentes, como gatilhos de memórias, de lembranças, de momentos singulares, Meneses afirma que “a exterioridade, a concretude, a opacidade, em suma, a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas a memória” (apud NERY et al., 2015, p. 45), as marcas adquiridas nos objetos podem ser exatamente o que faz alguém lembrar de uma memória específica.

Este tipo de ato, ao querer ficar com algum objeto que pertenceu a uma pessoa especial pode ser considerado um ato de colecionador, não aquele colecionador de peças raras e valiosas no sentido monetário, e sim um colecionador inconsciente de peças aleatórias que possuem valor afetivo, Nery et al (2015) explica:

O hábito de colecionar objetos é uma prática das pessoas que enxergam valor atribuído nas peças e não apenas monetário. Não é um apego material, mas simbólico, de objetos com fortes cargas memoriais que serviram, e ainda servem, de lugares de memória dentro das famílias às quais pertencem, fazendo parte da identidade de seus membros que têm a prática de salvaguardar tais peças. Podemos perceber que quem guarda objetos ou fotografias, não sabe que necessariamente se trata de suportes de memória. A maioria das pessoas, ao reunir objetos em caixas, faz isso sem saber ao certo o porquê (NERY et al., 2015, p. 45).

Até pode-se medir a vivência de um objeto através da idade dele, mas o que não pode é medir a bagagem que ele tem, através de suas histórias e experiências vividas, e para isso as vestimentas se encaixam perfeitamente, como reflete Stallybrass (2012) em seu livro “os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade” (STALLYBRASS, 2012, p. 11).

Contudo, é possível concluir que a cultura de guardar objetos pessoais e passar de uma geração para outra dentro da família, ainda é fortemente presente no ambiente familiar de algumas pessoas, e possui grande importância para a construção desse vínculo afetivo entre o indivíduo e o objeto, principalmente, hoje em dia numa sociedade com tanta tecnologia a disposição.

A valorização da cultura material e da memória social devem ser propagadas e discutidas ainda mais não só no ambiente acadêmico, nas salas de aula, mas também nas rodas de conversa, de forma informal, para conscientizar do quão valioso é este assunto.

É importante ressaltar que os relatos obtidos através do questionário foram de grande valor para entender como as pessoas carregam e valorizam suas memórias mais preciosas, e como isso pode ser guardado através de um objeto, como os objetos fazem um papel importante do dia a dia e que deve-se atribuir valor afetivo sim a bens materiais, e quando possível e desejado, compartilhá-los com outras pessoas mesmo que seja apenas em forma de relato.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. São Paulo: Gallimard, 1972.

DOHMANN, Marcus. O objeto e a experiência material. In: **Revista Arte & Ensaios**, 2010. p. 70-77.

NERY, Olivia Silva. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. In: **Revista Memória em rede**, 2017. p. 144-161.

NERY, Olivia Silva et al. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas de ficção. In: **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, 2015. p. 42-51.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problematização dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: Projeto História, São Paulo, 1993.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. In: Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. – 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Data de recebimento: 03 de setembro de 2018.

Data de aceite para publicação: 17 de outubro de 2018.